

OS INCRÍVEIS 2

Eixo Temático 28 – Ofensivas antigênero: atores, dinâmicas e políticas

Edimauro Matheus Carriel Ramos ¹
Lara Torrada Pereira ²

O movimento antigênero tem atacado centenas de artefatos culturais na última década, os quais estariam, supostamente, difundindo a “ideologia de gênero”, o feminismo, o “homossexualismo” e “confundindo” a cabeça das crianças. Isso exposto, este estudo tem o intuito de tecer análises a respeito de algumas narrativas do movimento antigênero publicadas em um *artefato cultural* filiado à igreja católica acerca do filme *Os Incríveis 2*. Trata-se de uma pesquisa documental a partir da análise cultural. Muitas das narrativas evocadas pelo *artefato cultural* em torno do filme defendem um modelo de família imutável e que não abre brecha para possibilidades fora do padrão heterossexual.

Artefato cultural; Ideologia de Gênero; Famílias.

Nas últimas décadas temos experienciado o avanço constante de um movimento antigênero que, por meio da falácia da “ideologia de gênero”, vem sendo estruturado por bases religiosas, políticas e pseudocientíficas que visam interromper debates sobre gênero e sexualidade na escola ou em qualquer espaço social. Esse movimento não é recente, mas é sempre atualizado com novos discursos e alvos utilizados para engrenar as produções de verdades e saberes.

¹Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, edimauroamos@hotmail.com

²Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, lara.torrada@hotmail.com

Embalados por emblemas como “abaixo a ideologia de gênero!”, “salvemos a família!”, “respeitem a inocência das crianças”, “meu filho, minhas regras!”, “meninos vestem azul, meninas vestem rosa!” (JUNQUEIRA, 2019, p. 125), os ataques proferidos pelo discurso antigênero buscam cercear iniciativas e possibilidades de que professores/as possam debater e problematizar questões relativas a gênero e sexualidade nos espaços escolares e nos espaços educativos, manipulando informações que apresentam questões científicas como de cunho ideológico.

O movimento encontrou no Poder Legislativo um locus privilegiado para se proliferar (MELO, 2020) através de inúmeras propostas para restringir os temas gênero e sexualidade dos currículos e das políticas educacionais, a “ideologia de gênero” representa um perigo para a família “tradicional”, ou seja, a de estrutura heteronormativa, pois, segundo isto que chamam de ideologia, anseia impor uma ditadura da minoria das identidades políticas não-heteronormativas (ACOSTA; GALLO, 2020).

Isso exposto, os debates acionados aqui propõem reflexão sobre algumas narrativas que se fundamentam no discurso da "ideologia de gênero" ao analisarem o filme" _____, de 2018. O filme chamou a atenção de críticos/as e demais usuários/as da _____, em especial o movimento antigênero vinculado a grupos religiosos que, através de _____, emitiram posicionamentos e reações positivas ao que foi apresentado pelo artefato no que se refere à importância da família (no singular), aos modelos normativos de masculinidades e feminilidades e aos papéis de gênero. A partir dessas narrativas, serão tensionadas as críticas publicadas no _____ acerca do filme.

Os artefatos culturais podem ser programas de TV, revistas, cinema, jornais, propagandas e muitos outros e nos ensinam diferentes posições-de-sujeito em nossa sociedade (MAGALHÃES, 2008). Podem ser materiais ou imateriais, “tangível ou intangível: uma edificação ou um conjunto delas, um saber, uma prática cultural, uma cerimônia ou mesmo uma paisagem” (TRAJANO FILHO, 2012, p. 12). Quando problematizados pelos Estudos Culturais, possibilitam questionar quais elementos da cultura reforçam representações hegemônicas de gênero e de sexualidade por meio de discursos e construções que se opõem às diferenças, entendidas com identidades que fujam do padrão “ideal” (SIQUEIRA; BAHLS; CALDAS, 2021).

Nesse sentido, surgem para esta pesquisa algumas inquietações: quais questões de gênero e de sexualidade são apresentadas e acionadas no filme (2018) e quais posicionamentos são suscitados pela ofensiva antigênero por meio de um website sobre esse artefato cultural para justificar ou demandar de uma inteligibilidade de gênero e de sexualidade?

O caráter da pesquisa é qualitativo, com o objetivo de trabalhar com o leque de significados, motivos, crenças, condutas e valores que correspondem a um horizonte mais profundo das relações, dos processos e de seus fenômenos (MINAYO, 2001). Neste estudo, o caminho metodológico a ser trilhado será o da pesquisa documental. Na pesquisa documental, a ideia de documento ultrapassa a ideia de este ser apenas escrito/impresso (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

O documento em si, isto é, o artefato cultural, é o longa-metragem , produzido pela e distribuído pela como uma continuação do primeiro filme lançado em 2004. Para esta investigação, foi empreendida a perspectiva analítica da análise cultural, a qual se insere no campo teórico dos Estudos Culturais e propõe questionar a existência das inúmeras representações que são produzidas através de significados que perpassam a cultura (WORTMANN, 2007). Para Caroline Amaral Amaral (2017), esta unidade de análise possibilita (re)pensar os padrões sociais enquanto uma ferramenta para compreensão da organização social e de suas complexidades. Nessa perspectiva, foram problematizadas as narrativas derivadas do , vinculado à igreja católica. O não se encontra no ar desde a finalização da pesquisa.

Quase 15 anos após o sucesso do primeiro filme, sob um orçamento de 200 milhões de dólares, foi lançado em 15 de junho de 2018 nos Estados Unidos e 28 de junho do mesmo ano no Brasil, dirigido por Brad Bird, diretor da franquia. O longa teve

recepção positiva do público, elogiada como uma das produções mais rentáveis da

O intitulado ligado à igreja católica, publicou, sob a autoria do redator Jônatas Lima Dias cinco pontos em que o filme, supostamente, “detonava” com a “ideologia de gênero” e

(narrativa retirada do website , 2018). Para o o filme e os personagens da família Pêra não fogem dos pressupostos do “mundo real”, isto é, s (narrativa retirada do website , 2018).

Os 5 pontos expostos pelo foram:

- **Helena não é feminista:** é discutido que a personagem da mãe da família, Helena, entusiasmou algumas ativistas porque seu papel parecia vir a destruir a ideia heteronormativa. No entanto, Helena não quer isso, segundo a narrativa do , já que ela fica dividida entre a necessidade de cumprir seus afazeres profissionais para ajudar a família com suas responsabilidades de mãe.
- **Mulher sutil e flexível x homem forte e bruto:** o website disserta neste tópico que, assim como no “mundo real”,

(narrativa retirada do website , 2018).

- **Beto é um pai bem masculino:** é destacado que

(narrativa retirada do , 2018). O ponto levantado neste tópico endossa que a ideia da família Pêra é o modelo ideal e está em consonância com o que o redator expõe como mundo real, ou seja, regido pela heteronormatividade,

e que nenhuma cirurgia é capaz de mudar isso

- **Mães são insubstituíveis:** para o , a personagem de Helena é bem , pois ela reconhece que, Beto, o personagem do pai,

(narrativa

retirada do [vazio], 2018).

- ***Meninos e meninas têm gostos diferentes***: é denunciado neste último tópico que meninos e meninas são diferentes, visto que ambos possuem [vazio]. Para Jônatas Lima Dias (DINOSSAUROS E PRINCESAS, 2018, s/p), redator do artigo, tal fato é ignorado pelos “ideólogos” que odeiam o “mundo real”.

Ao analisar as narrativas do [vazio], nota-se que o dispositivo da família, como articula Luciana Kornatzki (2019), opera nessa rede de narrativas enquanto um conjunto de discursividades que objetivam legitimá-la e produzi-la por meio de condicionantes como proposições médicas, leis, valores morais e dentre outros, alinhadas sempre às premissas que produzem o dispositivo da família e o dispositivo da maternidade. Ainda, para Luciana Kornatzki (2019), compreender a família enquanto um dispositivo é sinônimo de questionar as produções e os atravessamentos que nos perpassam nas relações e que constituem subjetividades, uma vez que, ao mesmo tempo em que somos produtos desse dispositivo, podemos também criar outras formas de (re)existência de outras composições e arranjos familiares para além de um típico conjunto familiar, visto que ele representa apenas uma das inimagináveis possibilidades deste conceito.

O teor biológico e evolutivo são fortemente apontados pelo [vazio] mas não se referem apenas ao funcionamento dos corpos, mas sim à atribuição de seu funcionamento ao seu gênero e de seu sexo. Assim, na perspectiva do [vazio] as identidades em que o gênero rompe com a lógica de uma correspondência ao sexo biológico, como os sujeito trans, não pode existir, já que a instituição de uma heterossexualidade compulsória regula e estipula relações binárias, na qual somente existiriam dois gêneros: o masculino e o feminino, onde nenhum deles é equivalente ao outro (BUTLER, 2017; FILHA; 2018) no “mundo real”. O real, isto é, o natural, refere-se a fixação e o privilégio de uma ou mais identidades em detrimento às “outras”, já que “a normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença [...]” (SILVA, 2014, p. 83).

A “família” é sempre utilizada no singular, o que faz com que o filme e o que é apresentado e endereçado por ele sejam, sob os olhares dos/das espectadores/as, positivos e “livres” da ‘ideologia de gênero’, pois apresentam a “verdade” que os/as “ideólogos/as” de gênero buscam extinguir: a família heteronormativa e imutável. Revestindo seus discursos de pressupostos essencialistas de gênero e sexo, a ostensiva antigênero é uma eficiente estratégia discursiva que pode “fazer criar e fazer perceber aquilo que enuncia” (JUNQUEIRA, 2017, p. 29). Entretanto, compreendemos que o conceito de gênero “[...] não diz respeito somente ao gênero feminino ou masculino, mas à constituição de masculinidades e feminilidades (FILHA, 2018, p. 206) e à multiplicidade de identidades.

Ao analisar o artefato cultural e o cerceamento produzido pelas movimentações discursivas da falácia da “ideologia de gênero” é possível constatar que, na medida em que os estudos e pesquisas sobre gênero e sexualidade se acentuam, mais essa ofensiva também se espalha e se infiltra. Não satisfeita em assombrar os currículos, os espaços escolares e sociais, o factóide também se encarrega de identificar, atacar, denunciar ou exaltar a heteronormatividade nos mais diferentes artefatos culturais, colocando identidades de gênero não-hegemônicas sob alarde.

Enquanto ferramentas analíticas do operar dos discursos incitados, os artefatos culturais possibilitam apurar que temas como famílias, gênero e feminismo e/ou protagonismo feminino são vocábulos que despertam a ira dos/as conservadores/as mesmo quando não são mencionados diretamente, ou de forma implícita ou até mesmo inexistente.

ACOSTA, Tássio; GALLO, Sílvio. A educação em disputa no Brasil contemporâneo: entre os estudos de gênero, a dita ideologia de gênero e a produção de uma ‘ideologia de gênese’. *Revista Brasileira de Educação*, v. 45, p. 92-1-28, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/19846444>. Acesso em: 11 jul. 2021.

AMARAL, Caroline Amaral. *significados sobre identidade de gênero e sexuais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós

Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande/RS, 2017.

BUTLER, Judith. *... feminismo e subversão da identidade*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FILHA, Constantina Xavier. Gênero e sexualidade na infância: construção de pânico morais. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (orgs.) *... Rio Grande: Editora da*

FURG, 2018. p. 201-228.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. "Ideologia de gênero": a gênese de uma categoria política recente - ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma "ameaça à família natural"? In: *... Costa;* *... MAGALHÃES,*

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. SILVA. T (org.). . 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SIQUEIRA, Carolina Cordeiro; BAHLS, Diego Paiva; CALDAS, Felipe Rodrigo. Representações de gênero no jogo FreeFire: uma problemática fundamentada na cultura visual. In: ACCORSI, Fernanda Amorim; BALISCEI, João Paulo; TAKARA, Samilo (orgs.) Estudos sobre pedagogias culturais. Londrina: Syntagma Editores, 2021. p. 50-73.

TRAJANO FILHO, Wilson. Patrimonialização dos artefatos culturais e a redução dos sentidos. In: SANSONE, Livio (Org.). : patrimônios, museus e políticas das identidades. EDUFBA, Salvador, p. 11-40, 2012.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises Culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Maria Vorraber (Org). : outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 71-90.